

## XIII

## PONDERAÇÕES DE VICENTE

Não estava farto de lições, mas, para o momento, havia aprendido bastante. Impressionado com o que me fôra dado observar, não insisti com Vicente para prolongar nossa demora no Centro de Mensageiros.

Deixando grandes grupos em conversação ativa, reconstituindo projetos e refazendo esperanças, segui o companheiro que me convidava a visitar os imensos jardins. Roseirais enormes balsamizavam a atmosfera leve e limpida.

— Sinto-me fortemente impressionado — murmei — quem diria pudesse caber tantas responsabilidades a essas criaturas? Não conheci pessoalmente nenhum médium ou doutrinador do Espiritismo, justificando agora minha surpresa.

Vicente sorriu e obtemperou:

— Você, meu caro, procede das Câmaras de Retificação, onde os trabalhos são muito reservados e circunscritos. Talvez sua impressão provenha dessa circunstância. Verá, porém, com o tempo, que existem aqui locais de conversações dessa natureza, referentes a tôdas as oportunidades perdidas. Já visitou alguma dependência do Ministério do Esclarecimento?

— Não.

— Localizam-se, ali, os enormes pavilhões das escolas maternais. São milhares de irmãs que comentam, por lá, as desventuras da maternidade fracassada, buscando reconstituir energias e caminhos. Ainda ali, temos os Centros de Preparação

à Paternidade. Grandes massas de irmãos examinam o quadro de tarefas perdidas e recordam, com lágrimas, o passado de indiferença ao dever. Nesse mesmo Ministério, temos a Especialização Médica. Nobres profissionais da medicina, que perderam santas oportunidades de elevação, lá discutem seus problemas.

Nesse instante o interrompi, observando:

— Entretanto, somos médicos e não nos achamos lá.

— Sim — explicou Vicente, bondoso — infelizmente para nós ambos, caímos em tôda a linha. Não só na qualidade de médicos, mas muito mais como homens, porque se disse a você o que sofri, ainda não contei o que fiz.

— É verdade — concordei desapontado, recordando minha condição de suicida inconsciente.

— Ainda no Esclarecimento — prosseguiu o companheiro — temos o Instituto de Administradores, onde os espíritos cultos procuram restaurar as forças próprias e corrigir os erros cometidos na mordomia terrestre. Nos Campos de Trabalho, do Ministério da Regeneração, existem milhares de trabalhadores, que se renovam para a recapitação das grandes tarefas da obediência.

Somos numerosos — continuou, sorridente — os falidos nas missões terrestres e note-se que todos, os que hajam chegado a zonas como "Nosso Lar", devem ser levados à conta dos extremamente felizes. Temos aqui dois Ministérios Celestiais, como o da Elevação e o da União Divina, cuja influencia santificante eleva o padrão dos nossos pensamentos sem que o percebamos de maneira direta. O estágio aqui, André, representa uma bênção do Senhor, e por muito que trabalhássemos, nunca retribuiríamos a esta colônia na medida de nosso débito para com ela. Nossa situação é a de abrigados em verdadeiro paraíso, pelo ensejo de serviço edificante que se nos oferece. Quanto a outros companheiros nossos...

Fez longo hiato e continuou:

— Quanto a muitos, estão fazendo angustiosas estações de aprendizado nas regiões mais baixas. São infelizes prisioneiros uns dos outros, pela cadeia de remorsos e malignas recordações. No que concerne à medicina, os colegas em bancarrota espiritual são inúmeros. A saúde humana é patrimônio divino e o médico é sacerdote dela. Os que recebem o título profissional, em nosso quadro de realizações, sem dêle se utilizarem a bem dos semelhantes, pagam caro a indiferença. Os que dêle abusam são, por sua vez, situados no campo do crime. Jesus não foi sómente o Mestre, foi Médico também. Deixou no mundo o padrão da cura para o Reino de Deus. Ele proporcionava socorro ao corpo e ministrava fé à alma. Nós, porém, meu caro André, em muitos casos terrestres, nem sempre aliviamos o corpo e quase sempre matamos a fé.

As palavras sensatas do amigo caíam-me nálma como raios de luz. Tudo era a verdade, simples e bela. Ainda não pensara, de fato, em tôda a grandeza do serviço divino de Jesus médico. Ele expulsara febres malignas, curara leprosos e cegos de nascença, levantara paralíticos, mas nunca ficava apenas nisto. Reanimava os doentes, davá-lhes esperanças novas, convidava-os à compreensão da Vida Eterna.

Engolfara-me em pensamentos grandiosos, quando o companheiro voltou a falar:

— Tenho um amigo, nosso colega de profissão, que se encontra nas zonas inferiores, há alguns anos, atormentado por dois inimigos cruéis. Acontece que ele muito faliu como homem e médico. Era cirurgião exímio, mas, tão logo alcançou renome e respeito geral, impressionou-se com as aquisições monetárias e caiu desastradamente. Nos dias de grandes negócios financeiros, deslocava a mente das obrigações veneráveis, colocando-a distante, na esfera dos banqueiros comuns. Não fôsse a proteção espiritual, essa atitude teria compro-

metido oportunidades vitais de muita gente. A colaboração do pobre amigo tornara-se quase nula e alguns desencarnados nas intervenções cirúrgicas que ele praticava, notando-lhe a irresponsabilidade, atribuíram-lhe a causa da morte física, quando não a esperavam, votando-lhe ódio terrível. Amigos do operador prestaram esclarecimentos justos a muitos; entretanto, dois dêles, mais ignorantes e maldosos, perseveraram na estranha atitude e o esperaram no limiar do sepulcro.

— Horrível! — exclamei. Se ele, porém, não é culpado da desencarnação dêsses adversários gratuitos, como pode ser, atormentado dêsse modo?

Explicou Vicente, em tom mais grave:

— Realmente, não tem a culpa da morte dêles. Nada fez por interromper-lhes a existência física. Mas é responsável pela inimizade e incompreensão criadas na mente dessas pobres criaturas, porque, não estando seguro do seu dever, nem tranquilo com a consciência, o nosso amigo julga-se culpado, em razão das outras falhas a que se entregou imprevidentemente. Todo êrro traz fraqueza, e, assim sendo, o nosso colega, por enquanto, não adquiriu forças para se desvencilhar dos algozes. Perante a Justiça Divina, portanto, ele não resgata crimes inexistentes, mas repara certas faltas graves e aprende a conhecer-se a si mesmo, a entender as obrigações nobres e praticá-las, compreendendo, por fim, a felicidade dos que sabem ser úteis com segurança de fé em Deus e em si mesmos. A noção do dever bem cumprido, André, ainda que todos os homens permaneçam contra nós, é uma luz firme para o dia e abençoadão travesseiro para a noite. O nosso colega, tendo abusado da profissão, entrou em dolorosa prova.

— Ah! sim — exclamei — agora comprehendo. Onde existe uma falta, pode haver muitas perturbações; onde apagamos a luz, podemos cair em qualquer precipício.

— Justamente.

Calou-se o amigo, andando, muito tempo, ao meu lado, como se estivesse surpreendido, como eu, defrontando as avenidas de rosas. Depois de longas meditações, convidou-me fraternalmente:

— Regressemos ao nosso núcleo. Creio devamos ouvir Aniceto, ainda hoje, referentemente ao serviço comum.

## XIV

## PREPARATIVOS

A noite, Aniceto veio ver-nos, começando por dizer:

— Amanhã deveremos partir os três, a serviço nas esferas da Crosta. Telésforo recomendou-me certas atividades de importância, mas posso atendê-las em particular, proporcionando a ambos uma estação semanal de experiência e serviço.

Fiquei radiante. Muita vez regressara ao ninho doméstico, tornara à cidade em que desenvolvera a tarefa última e, todavia, não me detivera no exame das possibilidades extensas do concurso fraternal. De quando em vez, era defrontado por situações difíceis, nas quais velhos conterrâneos encaravam problemas de vulto; entretanto, sentia-me incapaz de auxiliá-los, eficientemente, na solução desejável. Faltava-me técnica espiritual para fazê-lo. Não tinha bastante confiança em mim mesmo.

Deixando perceber que ouvira meus pensamentos profundos, Aniceto dirigiu-me a palavra de maneira especial, asseverando:

— Você, André, ainda não pôde auxiliar os amigos encarnados porque ainda não adquiriu a devida capacidade para ver. É razoável. Quando na carne, somos muitas vezes inclinados a verificar tão somente os efeitos, sem ponderar as origens. No mendigo, vemos apenas a miséria; no enférmo, somente a ruína física. Faz-se indispensável identificar as causas.